

O QUE TE MOVE?

Protagonismo social, uma revolução silenciosa

FERNANDO MORAES



© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

1ª Impressão — 2016
Impressão e Acabamento RR Donnelley 240616

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação: Camila Fernandes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Moraes, Fernando

O que te move? / Fernando Moraes. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2016.

ISBN 978-85-8163-758-7

1. Cidadania 2. Conduta de vida 3. Responsabilidade social I. Título.

16-04942

CDD-303

Índices para catálogo sistemático:

1. Responsabilidade social e cidadania 303



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para minhas meninas,
Andréa, Júlia e Luíza.
Para minha Mamãe querida, Vera.
E para todos aqueles que se movimentam
para fazer do mundo um lugar melhor para se viver.

Sumário

5	PREFÁCIO ORIDES DA SILVA
9	PROTOS-AGONISTES
17	O BEM COMO PRODUTO
27	SER BOM É BOM?
35	PRATELEIRAS DO EGO
43	ANULAÇÃO DO PENSAR
51	TREINANDO O OLHAR
59	O QUE TE MOVE?
67	AVIVAMENTO SOCIAL
75	HISTORICIDADE SOCIAL
81	AMOR EXIGENTE
89	O OCULTO QUE SE TORNA APARENTE
95	IDENTIDADE EM MOVIMENTO
101	AME ULO
107	ESPANTAR-SE PARA TRANSFORMAR
113	PROTAGONISMO “REVOLUCIONÁRIO”
119	THELEMA
125	LIMPAR OS PENSAMENTOS
131	VISÃO COMO CONCEITO DE TOTALIDADE
137	PROTAGONISMO COLETIVO
143	DEBAIXO DO SOL
149	REPOUSO EM MOVIMENTO
155	O QUE ME MOVE

Prefácio

Entre tantas experiências que já tive ao longo dos meus 64 anos de idade, esta foi a mais inusitada. Escrever o prefácio de um livro nunca esteve nos meus planos; aliás, a escrita e a leitura por muitos anos não fizeram parte dos meus conhecimentos. Nasci na cidade de Lucélia, SP, no dia 6 de abril de 1951, em uma sociedade em que o direito, a cidadania e o famoso “lugar ao sol” nunca estiveram presentes para as pessoas negras, pobres e sem sobrenomes de famílias ricas ou tradicionais.

Sempre acreditei que meu espaço estaria nos braços de Deus, na eternidade, e aqui na Terra, onde consigo me firmar como pessoa digna e respeitada por meus princípios. E assim vivo buscando uma sociedade menos dividida e indiferente, solidária com aqueles que mais precisam, e aberta aos sonhos daqueles que por uma grande injustiça foram retirados de suas origens culturais, trazidos a um país subexplorado em todos os sentidos, e que até hoje vivem em favelas, comunidades afastadas e à revelia dos privilégios que o dinheiro pode trazer.

Cheguei à cidade de Hortolândia, SP, com minha família e meus dois filhos em 1978, em busca da “terra prometida” onde eu poderia criá-los e construir um futuro melhor. Porém, mesmo assim, enfrentei batalhas pela Pastoral do Negro na Igreja Católica e pela comunidade com a barriga no fogão, cozinhando e aprendendo com a simplicidade do saudoso educador Paulo Freire, que esteve presente conosco na luta pelo direito à moradia em meados da década de 1980, além do seminarista Geraldo Magela Peron, nos hoje conhecidos bairros Vila da Conquista, Jardim Peron (em sua memória) e Jardim Boa Esperança. Aquelas pessoas também procuravam dignidade, moradia e respeito, trazendo à luz o início das primeiras discussões sobre a emancipação do município, que veio a acontecer em 1993.

A busca incessante pela dignidade humana e por uma sociedade que enxergue os cidadãos, respeitando suas diferenças e semelhanças, sempre foi minha razão para lutar e acreditar que os dias podem ser ainda melhores. A humanidade atualmente tem refletido muito sobre a consciência social, sobre a responsabilidade compartilhada e sobre a ética apresentada em nossas atitudes cotidianas. Por isso, sinto-me feliz e emocionada por poder eternizar estas palavras em um livro do meu amigo Fernando Moraes, que nos convida a refletir sobre o que nos move e o que podemos fazer para termos e criarmos dias melhores e nos comprometemos com a busca por eles.

ORIDES DA SILVA

*Brasileira, negra, protagonista na transformação de um mundo
melhor para todos*

“Mais do que uma época de crise, estamos vivendo a crise de uma época.”

ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA

Protos - Agonistes

A palavra protagonismo vem de *protos*, que em latim significa principal, primeiro, e de *agonistes*, que quer dizer lutador, competidor, aquele que não esmorece diante dos desafios. O saudoso professor Antonio Carlos Gomes da Costa usou muito esse termo para nos ajudar a pensar de formas diferentes sobre o ato de educar e sobre como enxergamos as pessoas, compreendendo que cada uma tem algo com que contribuir para o seu meio, sendo um agente de transformação, desde que compreendido como um sujeito de potenciais, habilidades e capacidades a serem desenvolvidas.

Falando em valorização dos potenciais humanos, gosto muito do trabalho de um amigo que está morando em Bangladesh. Este país está entre os mais pobres do mundo, com mais de 160 milhões de habitantes, sendo a oitava nação mais populosa do mundo. Segundo dados da Adra Bangla, 43% da população vive com menos de US\$ 1,25 por dia e 4,7 milhões de crianças e adolescentes trabalham em condições de exploração.

Esse meu amigo, o grande Landerson Santana, me disse que muitas organizações humanitárias já estiveram em Bangladesh. E,

assim como acontece em muitos países africanos, essas organizações, em sua grande maioria, estabelecem ações imediatistas. Em termos de gestão, até entendo a atitude, pois estão ali para conter situações de urgência e emergência e ajudar o governo a continuar o trabalho dentro de uma concepção de política pública. É uma ótima estratégia, a não ser por um pequeno detalhe. Mesmo em ações imediatas, o empoderamento tem que ser permanente, considerando que aquelas pessoas precisam compreender que são as únicas capazes de transformar suas realidades. Quanto mais se possibilitar esse entendimento, maiores serão, certamente, as chances de mudanças.

Na última missão de que participei na África, fiquei observando tal fenômeno. Muitas organizações sociais chegavam com um roteiro já estabelecido, com seu corpo técnico todo formado, e, quando se dirigiam ao campo, não contemplavam o chamado fator inesperado: se as pessoas para as quais eles estavam trabalhando não fossem compreendidas como participantes da ação, atuando como protagonistas desse processo, era fatal o redirecionamento dos planos. E com a pobreza, que produz a miséria, e essa, por sua vez, a fome, não pode haver retrabalho. O tempo social das pessoas que vivem sob essas tragédias é completamente diferente do tempo de quem está fora desse contexto.

E esse amigo, profundo conhecedor da área, me dizia, com a tranquilidade que lhe é peculiar: “Mais do que o tecnicismo, os títulos, as formações e as grandes qualificações, se faz necessário ter disposição para *servir* o seu semelhante, pois o servir é a essência do despertar da dignidade e do reconhecimento do outro como igual, sem qualquer pretensão”.

Acho isso maravilhoso. Pode até soar como uma frase puritana para muitos, mas, como eu o conheço, compreendo perfeitamente

O QUE TE MOVE?

tal afirmação. O testemunho dele é de abnegação plena, de renúncia às zonas de conforto em função do sofrimento alheio. Ser protagonista não significa, pelo fato de ser o principal agente dentro de um processo, estar no centro das atenções.

Para refletir sobre isso, gosto muito da história de Gideão. Ele foi um juiz que aparece no livro Juízes da *Bíblia*. Também é mencionado nas Epístola aos Hebreus como um exemplo de homem cheio de fé e do Espírito Santo. O nome Gideão significa “destruidor”, “guerreiro poderoso” ou “lenhador”. Ele foi o quinto juiz de Israel, segundo a *Bíblia*. Seu protagonismo foi incrível, pois os israelitas estavam novamente em apuros, o que não era novidade, já que estar em apuros era uma especialidade daquele povo. Mas, dessa vez, a desobediência a Deus era um fator preponderante para o seu sofrimento. O povo de Midiã passou a dominá-los e a castigá-los. Por isso, os israelitas clamaram a Deus por ajuda, e Ele ouviu seus clamores.

Foi nesse momento que Gideão entrou em ação. Deus mandou que ele reunisse um exército, e o juiz, com sua capacidade de articulação, conseguiu 32 mil guerreiros. Apesar do significativo número de homens, havia um exército de 135 mil contra Israel. A desvantagem era grande; contudo, Deus disse a Gideão: “Você tem homens demais”. Isso certamente foi um balde de água fria, pois ele estava convicto de que mesmo com os 32 mil ainda tinha uma chance.

Mas Deus já tinha dado a vitória como certa. Se Israel ganhasse a guerra, talvez pensassem que eles mesmos a ganharam. Podiam pensar que não precisavam da ajuda de Deus para vencer. Só que Deus conhece o nosso coração e as vaidades que nele habitam. Por isso, ele disse a Gideão: “Mande para casa os homens que estão com medo”. Assim, 22 mil de seus guerreiros voltaram para casa.

Sobraram então somente 10 mil homens para lutar contra 135 mil, aumentando ainda mais a desvantagem.

Mas Deus disse: “Ainda tem homens demais”. Então, mandou que Gideão fizesse os homens beberem água do riacho, mandando embora os que abaixassem a cabeça para beber. “Vou dar-lhe a vitória com os 300 que ficaram vigiando enquanto bebiam”, prometeu Deus.

Chegou a hora da luta. Gideão dividiu seus 300 homens em três grupos. Deu a cada um uma buzina e um jarro com uma tocha dentro dele. Lá pela meia-noite, eles se juntaram em volta do acampamento do inimigo. Daí, todos ao mesmo tempo, tocaram as buzinas e quebraram os jarros, gritando: “A espada de Deus e de Gideão!”. Os soldados inimigos, despertando, ficaram confusos e com medo. Todos começaram a fugir, e os israelitas venceram a batalha.

O protagonismo de Gideão não está em ser o herói ou o mártir de uma causa; está em saber com clareza quais são os seus propósitos. A quem e a que ele estava servindo. Perceba que, apesar dele ser o escolhido por Deus para liderar aquela batalha, todos estavam sendo colocados à prova. Os que tinham medo e os que não estavam atentos; de 32 mil, ficaram somente 300, que, com toda a desvantagem, acreditaram e prosseguiram rumo ao alvo, pois sabiam quem estava com eles.

Ter propósito de vida é sem dúvida o grande diferencial para não sucumbirmos aos discursos fatalistas. Exercer o protagonismo nas pequenas coisas do cotidiano, sendo parte do contexto em que vivemos, reconhecendo a nossa humanidade dentro de uma perspectiva de aceitação e solidariedade embrionária. Viver em grupo nos exige algumas habilidades e aptidões. Atrevo-me a dizer que esse viver se tornou uma competência. O que antes transitava como algo normal no seio dos valores sociais, passa a nos preocupar pelo esvaziamento

O QUE TE MOVE?

de conceitos que achávamos compreender com certa clareza, como no campo da solidariedade, da cidadania, da ética e até da justiça.

Analisamos por exemplo a cidadania, expressão em moda. Encontramos conceitos de cidadania em diversas correntes de pensamento. Essa mistura de conceitos certamente nos ajuda a ter referenciais teóricos, mas no mundo real ainda se trata a cidadania como um estado privado e não público, protegido pelo intimismo que a envolve. Se vejo uma pessoa jogar um papel na rua e a repreendo por isso, certamente ela ficará incomodada com a minha atitude, pelo fato de ainda não compreender que todos os seus atos no chamado espaço comum, de alguma forma, têm consequências para outras pessoas.

Nesse mesmo exemplo, imaginemos que eu pegasse esse papel lançado por esse alguém na rua, na praça ou na escola e me dirigisse até a casa dele e o jogasse no seu portão. Qual seria a reação dele? Ficaria decerto aborrecido e se indisporia comigo sem sombra de dúvida.

Essa publicização da cidadania nos inclina a caminhar para a aceitação e a compreensão do que chamo de lugar comum, onde, no contato social, conseguimos nos harmonizar, não importando nossas especificidades, divisões sociais, poder econômico ou qualquer outro fator de separação.

O protagonismo social não é uma ação individual, ele depende de como um grupo se organiza e interage entre seus membros e com os outros. Protagonizar ações em benefício do bem-estar social tem na sua essência o fazer parte. Não é ser um mero espectador que troca de canal quando o assunto não lhe convém, mas sim sentir-se responsável por seu espaço social e por tudo que nele habita.

“O Tempo: senhor de todas as demandas,
possuidor de todas as soluções, e criador
do bálsamo que cura as dores da alma.”

JOÃO PIAUÍ